

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

MÁTHERESIS



V I S E U • 2 0 1 0

“UMA GRANDE SOMBRA QUE SENTE E SE NÃO VÊ”: BELKISS NOS TRILHOS DA LITERATURA DRAMÁTICA SIMBOLISTA

MARIA DE JESUS CABRAL

RESUMO

Publicado em 1894, em forte sintonia com um tempo de crise e de questionamento de novos paradigmas de representação teatral (Mallarmé, Maeterlinck), o poema dramático *Belkiss, Rainha de Sabá D’Axum e do Hymiar* de Eugénio de Castro passou despercebido no campo da Literatura dramática do fim-de-século XIX e não teve a atenção crítica que merece. Partindo da contextualização da obra, este artigo pretende evidenciar a forma como o projecto estético que lhe está subjacente dialoga e interage quer com textos contemporâneos enformados numa estética simbolista valorizadora do mistério (Maeterlinck e D. João da Câmara), quer com outras tentativas de incursão num teatro da alma, valorizador da palavra (Pessoa e Sá-Carneiro). A análise do tecido poético e metafísico de *Belkiss* levar-nos-á a descobrir aspectos da sua “inquietante estranheza” em relação à ilusão realista e ao teatro de puro divertimento que dominava os palcos novecentistas.

ABSTRACT

Published in 1894, in strong line with a time of crisis and questioning of new paradigms of theatrical representation (Mallarmé, Maeterlinck), the dramatic poem *Belkiss, Rainha de Sabá D’Axum e do Hymiar* of Eugénio de Castro was not noticed in the field of dramatic Literature of the 19th century and had not the critical attention it deserves. Starting from the contextualization of the work, this article aims to show how the aesthetic project that underlies it establishes a dialogue and interacts both with contemporary texts embedded in a symbolist aesthetics valorising mystery (Maeterlinck and D. João da Câmara), and with other attempts to invade a theatre of the soul, valorising the word (Pessoa and Sá-Carneiro). The analysis of the poetic and metaphysical substance of *Belkiss* will lead us to discover some aspects of its “disturbing strangeness”, in relation to realistic illusion and to the theatre of pure entertainment that dominated the stages in the 19th century.

“Um pouco mais de sol — eu era brasa,
Um pouco mais de azul — eu era além.
Para atingir faltou-me um golpe d’asa...
Se a menos eu permancesse aquém...”
Mário de Sá-Carneiro, “Quasi”.

Em 1894, ano editorialmente pouco expressivo no campo da literatura portuguesa, são dadas a lume duas obras singulares, quer pela configuração poético-dramática em que se moldam, quer pela concepção idealista da vida que traduzem, divergindo tanto da forma como principalmente do estilo do teatro da época, de pendor realista e psicológico: *O Pântano*, de D. João da Câmara e *Belkiss, Rainha de Sabá D’Axum e do Hymiar* de Eugénio de Castro.

Com uma prosa de ritmo simbolista que transita entre a poesia e o teatro, privilegiando ambas a representação do mundo interior que começava a interessar são só a literatura como outras áreas de conhecimento, a verdade é que não tiveram a mesma repercussão, nem a mesma fortuna crítica. O drama em quatro actos *O Pântano*, estreado no teatro Nacional a 10 de Novembro, “desconcertou e acabou por deixar indiferente um público acostumado à cadência dos alexandrinos do teatro histórico” como bem o refere Luiz Francisco Rebello (Rebello, 1979: 23) sendo com justiça considerado como “a primeira tentativa do teatro simbolista” português (Rebello, 1978: 44). Já o poema dramático *Belkiss*, que não viu as luzes da ribalta, é raramente (re)conhecido dentro do panorama da literatura dramática portuguesa, ou mesmo da literatura portuguesa *tout court*, apesar do seu acolhimento entusiasta nos meios simbolistas além fronteiras, como o mostram as traduções simultâneas em francês e até em italiano, por Vittorio Pica¹. Robert de Montesquiou – figura de grande relevo na esfera europeia simbolista, o mesmo que inspira a Huysmans o seu célebre herói decadente Des Esseintes de *A Rebours* – chega a propor uma adaptação teatral desse texto no Théâtre de l’Œuvre, perspectivando uma interpretação da famosa actriz Sarah Bernhardt².

Se, por outro lado, D. João da Câmara era um dramaturgo já conhecido dos palcos lisboetas pelos seus dramas anteriores *D. Afonso*

¹ Esse entusiasmo está bem patente nas cartas deste escritor e crítico italiano, bem como nas de Maeterlinck, Paul Fort, Philéas Lebesgue, Robert de Montesquiou e Mallarmé, entre outros que se encontram no epistolário de Eugénio de Castro conservado na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (secção “Reservados”).

² Assim se pode ler numa carta de 9 de Novembro de 1895, que consultámos no mesmo local.